

APRESENTAÇÃO

A edição de número 30 da Revista REVELL tem o prazer de apresentar aos leitores o dossiê com a temática **Literatura angolana contemporânea**, composto por um conjunto de oito artigos e ensaios inéditos. Atendendo ao chamamento dos organizadores, autores de Angola e do Brasil submeteram leituras que traçam um amplo painel da literatura angolana no século XXI e evidenciam a multiplicidade de temas, formas e processos sociais desse sistema literário.

A narrativa angolana de ficção contemporânea oferece-nos perspectivas de leitura que permitem denotar nos eventos fictícios marcadores que identificam matérias de extração histórica suscetíveis de os situar em determinados contextos históricos e sociais. A poesia angolana contemporânea, por sua vez, está envolta num manto de narratividade, de tal modo que, a título de exemplo, os versos de Paula Tavares nos conduzem para a memória do tempo em que Angola se viu rasgada por disputas entre irmãos desavindos.

Se a literatura da geração anterior a 1975, data da independência, se viu influenciada pelo neorrealismo e fez da prosa e do verso a arma para mudar o rumo da história, ainda hoje temos poetas e prosadores que nos guiam para os fluxos da memória.

Em paz há vinte anos, depois do fim da guerra civil, em 2002, o imaginário angolano ainda propõe reflexões sobre as consequências da destruição, visíveis, hoje, nas dificuldades para a concretização do desenvolvimento humano. Eis o que justifica a releitura dos poemas de Paula Tavares por Bernardo Nascimento de Amorim no ensaio de abertura ao número, “O canto não é claro, mas tem os pássaros certos: uma leitura de *ex-votos*, de Paula Tavares”. O crítico demonstra como o predicador se bate para

contrariar o discurso que coisifica o ser humano feito refém da ação bélica; apresenta-nos uma voz poética a apelar para a humanização do espaço geográfico, em prol da vida.

Os resultados visíveis que a guerra produziu em Angola elaboram, também, a trama narrativa no romance de José Luís Mendonça. A voz que se ouve em *O Reino das Casuarinas* expõe, dentre outros a desestruturação dos valores aceites na sociedade, facto que acaba por gerar conflitos e deteriorar as relações de gênero. Daí, utilizando as contribuições da crítica literária feminista como instrumental de análise, Lia F. Preusse Juliani e Ravel Giordano Paz, em “Espectropoética e representação feminino em *O reino das Casuarinas* de José Luís Mendonça”, propõem-nos um caminho para a compreensão dos circunstancialismos em que se instalou o combate contra o colonialismo (nos anos 60) e o quadro gerado pela independência até finais da década de 80 do século 20. Ainda, sob o escopo espectropoético derridiano operacionalizam a desconstrução do patriarcado, numa sociedade em que as relações de gênero são assumidamente masculinizadas.

Experiências amargas tecidas ao longo dos anos que se seguiram à proclamação da independência nacional, em 1975, povoam a narrativa de ficção angolana. Funcionam como registo de momentos de glória, porque retratam a nova era, a da liberdade, a do questionamento, e porque, também, expõem a desilusão de quem viu malograr-se o sonho da construção de uma Nação fundada em ideais contrários aos que o alimentaram como partícipe da luta anticolonial.

Júnior Vilarino Pereira explica-nos os contornos desta “escrita do trauma” em “*Fratura insidiosa: a escrita do trauma em Os marginais* de João Melo”, arquitetando possíveis saídas para o revisionismo angolano pós-75, decorrentes da violência e dos traumas que permeiam as metamorfoses do imaginário sociopolítico de Angola.

Os conflitos ideológicos assim entendidos elaboram a trama narrativa no romance *Os Transparentes*, que Renata Gomes estuda em “Processos de apagamento e a crise: uma análise do personagem Odonato de *Os transparentes*, de Ondjaki”. Incidindo a sua análise sobre o protagonista de Ondjaki, a pesquisadora tematiza os fios dialógicos que flutuam entre literatura, crise e ideologia, objetivando as variações sociais de um imaginário caracterizado por vozes distópicas, corolário da desestabilização social.

A reflexão sobre a obra de João Melo, que se centra na busca dos elementos que cimentam a crítica ao conteúdo das relações numa sociedade capitalista, estende-se, também, no ensaio de Rondinele Aparecido Ribeiro e Luciana Brito “Literatura e exclusão social: uma análise dos contos *Muribeca*, de Marcelino Freire, e *Tio, mi dá só cem*, de João Melo”. A propósito dos dois contos, constrói-se um olhar que procura compreender e explicar como a ficção narrativa metaforiza as desigualdades sociais, pela estetização do universo urbano em dois países com um passado colonial comum.

André Bumba toma os conflitos de identidade, na prefiguração de entidades várias que compõem a contemporaneidade de dois ambientes sociais, a saber, Portugal e Angola, como núcleo para a contextualização da intertextualidade em “A questão da identidade em *Ensaio sobre a cegueira* e *Os transparentes*”. Já em *Os da minha rua*, do mesmo prosador (Ondjaki), lembranças da infância funcionam como estratégia literária para a sua reflexão, num delimitar da fronteira entre o ficcional e o real, na análise de Marcos A. F. dos Santos, Emanuel C. P. de Assis e Lilian C. B. de Lima em “A reading of childhood in ‘No galinheiro, no devagar do tempo’, by Ondjaki”.

Encerrando a edição, o estudo de Maria Aparecida Mineiro e Carlos Henrique Lopes de Almeida, “Memória e história em *Mestre Tamoda*, de Uanhenga Xitu”, revisita a prosa de reivindicação cultural e de resistência contra a destruição de valores e crenças. A inserção deste artigo na seção livre

deve-se ao fato de que o conto estudado é de um período anterior à delimitação cronológica da literatura contemporânea em Angola adotada no dossiê (2002-), mas nem por isso a narrativa se mostra menos atual e significativa para a compreensão de problemáticas persistentes e inquietantes na sociedade e literatura do país.

Por fim, os organizadores desejam excelente leitura a todos, àqueles que têm interesse em conhecer a literatura produzida em Angola nos dias atuais e também aos que já se encontram familiarizados com os poetas e prosadores desse imaginário literário. Esperamos que o número suscite novas reflexões e coletâneas sobre o tema.

Organizadores

Prof^ª Dr^ª Lucilene Soares da Costa (UEMS – Brasil)

Prof. Dr. Manuel Muanza (ISCED Luanda/Angola)

Prof. Msc. Joaquim Martinho (ESPB/Angola)